
DESENVOLVENDO A ORALIDADE POR MEIO DA LITERATURA

Sara Helena da Costa Freitas¹
Josina Augusta Tavares Teixeira²

Apresentação

Atualmente há uma relevante busca pelo trabalho com oralidade, e, embora haja muitos trabalhos que estão sendo publicados sobre essa temática, continua sendo pouco abordada e em algumas situações, considerada sem relevância para o trabalho em sala de aula, uma vez que ainda é possível notar a expressiva dominação da escrita no ambiente escolar. De acordo com Teixeira (2014) uma vez que a escola privilegia situações de letramento que tratam a escrita como modalidade central ela cria “deficiências na aprendizagem, [...], desconsiderando a necessidade de os alunos desenvolverem capacidades relacionadas aos gêneros orais” (TEIXEIRA,2014,P.31). Em busca de provocarmos discussões sobre essa temática, trazemos esse artigo com o objetivo de elucidarmos a nossa prática escolar que visou e visa desenvolver habilidades e competências nas duas modalidades da língua: falada e escrita.

Esse artigo, traz, inicialmente, um relato sobre a escola onde foi desenvolvida a experiência e suas características gerais. No segundo momento, apresentaremos os pressupostos teóricos que embasaram e embasam nossas práticas escolares. Logo, apresentaremos as metodologias aplicadas e como fizemos uso delas para chegarmos ao resultado desejado. Finalizando, traremos os resultados obtidos a aprendizagem do aluno e do professor nesse processo de construção do saber. Deixamos claro que, o resultado apresentado não tem pretensão alguma de criar uma norma, receita ou padrão de como deve ser o trabalho voltado para o desenvolvimento da oralidade. No entanto, trazemos esse relato, para compartilharmos mais uma experiência desafiadora e satisfatória.

Caracterização da escola

¹ Especialista em Educação nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental pela Universidade Federal de Juiz de Fora- Integrante do grupo de pesquisa LINFE/UFJF-sarafreitasufjf@yahoo.com

² Mestre em Educação pela Universidade Federal de Juiz de Fora- Docente no Colégio de Aplicação João XXIII- josinatavares@hotmail.com



A experiência a ser relatada ocorreu em 2016 em um colégio federal em uma turma composta por 20 alunos do 1º ano do ensino fundamental I. Colégio este, fundado em 1965, sendo hoje uma unidade acadêmica da UFJF e atende aproximadamente 1250 alunos, sendo 28 turmas do Ensino Fundamental. O quadro docente é composto por 89 professores efetivos e 11 professores substitutos.

A escola segue uma filosofia em que se volta para a formação do cidadão crítico, criativo e comprometido com a construção de uma sociedade mais justa, livre e fraterna.

Os alunos presentes em nosso relato eram desde a classe social e econômica menos favorecida até a mais abastada. Sempre se mostravam com grande interesse na Literatura e no gosto em ouvir as mais diversas histórias.

A presença da família era marcante não apenas nas reuniões, mas nos eventos dentro e fora da escola. Podia-se notar claramente a presença dos responsáveis apoiando os alunos no que fosse preciso. Vale ressaltar que a escola faz um trabalho exemplar para aproximação cada dia mais da família e amigos. Observa-se que dessa forma, o trabalho de educar não se torna um julgo para a escola, mas é compartilhado e construído ao longo da trajetória escolar, com a família, sendo trabalho de ambas as partes.

Fundamentação teórica

O trabalho com oralidade na sala de aula, embora percebamos um aumento nas discussões, ainda é pouco desenvolvido e entendido de forma dicotômica ao se tratar de que é necessário que o trabalho tanto na modalidade escrita, tanto na fala deve ser realizado concomitante e não dissociado um do outro. Uma modalidade não exclui a outra. Ao contrário disso, complementa e favorece na construção do conhecimento e na formação de um indivíduo competente para lidar em diversas situações cotidianas. Posto isso, sempre nos deparamos com a pergunta: a escola deve ou não ensinar a norma culta? Deve-se ou não corrigir a fala do aluno? A escola deve ensinar a norma culta e deve corrigir o aluno. No entanto, essa correção não deve se dar de forma punitiva, desmerecedora, pois a escola é um real espaço para que esse aluno tenha a oportunidade de conhecer outras formas de falar, de se expor atendendo a necessidade de um público diferenciado. Teixeira (2014, p. 52) enfatiza que

[...] a opção da escola pelo ensino da norma culta justifica-se, plenamente, pelos motivos precípuos: (i) é a norma que detém maior valor social, por ser a variante praticada pelas classes sociais mais prestigiosas; (ii) favorece a inserção na comunidade midiática que utiliza essa variedade; (iii) possibilita a transição pelos



diversos espaços sociais; (iv) é um poderoso instrumento de cidadania, pois favorece a ascensão social; (v) pode facilitar o relacionamento interpessoal.

Dessa forma, é importante que a escola pública favoreça o conhecimento das diferentes variações linguísticas optando em buscar a ascensão do conhecimento desse aluno, uma vez que, o mesmo, já vem de uma trajetória social em que se sustenta nas variações linguísticas desprestigiadas.

Frente à defesa para o desenvolvimento da oralidade culta temos as políticas públicas que respaldam as práticas docentes direcionadas a essa temática como os Parâmetros Curriculares Nacionais- (1997); o Plano Nacional da Educação com o período de vigência de 2014 a 2024 junto à criação da Base Nacional Comum Curricular (2016) e a Proposta Curricular de Língua Portuguesa do município de Juiz de Fora (2012).

De acordo com os PCNs (1997, p. 27)

As instituições sociais fazem diferentes usos da linguagem oral: um cientista, um político, um professor, um religioso, um feirante, um repórter, um radialista, enfim, todos aqueles que tomam a palavra para falar em voz alta, utilizam diferentes registros em razão das também diferentes instâncias nas quais essa prática se realiza. A própria condição de aluno exige o domínio de determinados usos da linguagem oral. Cabe à escola ensinar o aluno a utilizar a linguagem oral nas diversas situações comunicativas, especialmente nas mais formais [...]

Ensinando o aluno a utilizar a linguagem oral nas mais diversas esferas da sociedade, a escola cumpre um de seus papéis educacionais. No entanto, há possibilidade de a escola romper com a dicotomia no ensino dessas modalidades? Sim. E como romper? Promovendo um ensino na perspectiva de um *continuum*, como defende a proposta curricular, (2012, p. 38) e não dicotômica, como também não colocar a escrita em supremacia. E por meio de quais práticas a escola pode promover o desenvolvimento da linguagem oral? Citaremos, aqui, algumas possibilidades de trabalho com base nas experiências didáticas exemplificadas por Freitas, Teixeira e Machado (2016):

1º Trabalhar a oralidade junto à escrita e à leitura. Embora sejam modalidades diferentes, elas complementam um processo crucial de formação do aluno, a Alfabetização e o Letramento. 2º Proporcionar a Literatura e planejar as aulas de modo que se una o processo de letramento literário ao letramento da oralidade. Como fazer isso? Dispor de textos que tenham diferentes linguagens, que tragam palavras novas para contribuir na ampliação do repertório linguístico. 3º Explorar os diferentes ambientes que a escola oferece e tentar planejar as aulas, alternando-os. Manter a criança na sala sem lhe proporcionar um ambiente agradável para a realização das leituras não contribuirá para se alcançar o resultado desejado, tendo como foco o gosto pela leitura e letramento literário, [...] (FREITAS; TEIXEIRA; MACHADO, 2016, p. 158)

Além dessas possibilidades, a didática em dramatizar histórias literárias se mostra eficiente, pois envolve não somente a literatura, como também desenvolve, na criança, o processo de



imaginação. E a literatura infantil, junto à dramatização e o “faz de conta”, como explicita Vygotsky (1984), é uma das bases para que esse processo ocorra de forma sólida:

Palavras e gestos possibilitam transformar uma coisa em outra. É a linguagem que torna possível o faz de conta, a criação da situação imaginária. A criação não emerge do nada, mas requer um trabalho de construção histórica e participação da criança na cultura. (VYGOTSKY, 1984, p.110).

Essas e outras possibilidades de desenvolver a oralidade favorecem ao professor uma oportunidade para iniciar o trabalho na sala de aula. Fazendo isso, ele certamente criará meios para que seus alunos tenham desenvolvimento, competência e habilidade para fazer o uso da língua na modalidade escrita e falada.

Descrição da experiência

Em uma turma composta por 20 alunos do 1º ano do ensino fundamental I, a experiência a ser relatada ocorreu durante 3 meses, semanalmente, em 2 aulas de Linguagem tendo como duração, cada aula, 45 minutos, nas quintas e sextas-feiras. A atividade foi desenvolvida com diversos livros literários e teve como o disparador o livro literário “A princesa Rosa-choque”.

Inicialmente, antes de trabalhar com os livros literários, a professora realizou uma aula indagando os alunos:

- *Para que serve o livro?*
- *Como escolhemos?*
- *O que mais chama a atenção neles?*
- *O que é ser autor e/ou ilustrador de um livro?*
- *O que é uma editora?*

A partir daí, abriu uma caixa cheia de livros literários, pediu aos alunos que se sentassem em rodinha e que cada um escolhesse apenas um livro para conversarem sobre ele. Após cada aluno estar com o livro que escolheu, foi dado um tempo de quinze minutos para que lessem, por meio do texto escrito ou das imagens, a história a ser contada e, claro, os que já tinham leitura fluente leram também o texto escrito. Após a leitura, a professora perguntou à turma o que eles observavam na capa do livro que estavam segurando.



Alguns iniciaram a responder: desenhos, letras. Os que já tinham um conhecimento mais amplo nesse sentido começaram a dizer que na capa do livro ficava o título da história que seria contada, o nome do autor, ilustrador e também o nome e desenho (logomarca) da editora. A partir daí, a professora universalizou esse conhecimento para toda a turma, explicando que todos os livros precisam ser criados por alguém e que este alguém é o autor. O ilustrador é aquele que faz as ilustrações do livro de acordo com o percorrer da história e a editora é aquela que produz o livro para que ele chegue à biblioteca da escola. A partir daí, ela perguntou:

“Todo livro tem ilustrações ou texto por escrito?” Muitos da turma responderam: “Sim”. Após isso, a professora pegou um livro que estava em sua mesa, no qual não havia texto escrito contando a história, mas somente imagens, abriu-o e perguntou: “Neste livro tem alguma coisa escrita contando a história?” Eles responderam: “Não”. E ela novamente perguntou: “Então é possível contar uma história sem ter algo escrito?” Alguns ficaram parados, olhando, como se não soubessem responder e três dos alunos presentes responderam: “Sim. A gente conta por meio das imagens!” Após essa resposta, a professora novamente explicou: “Já que eu posso narrar uma história sem ter algo escrito e contá-la apenas por meio das imagens, também posso contar uma história que só tenha texto escrito e não imagens. Então a imagem vai nos ajudar a entender a história, mas nem sempre ela existirá e ficaremos com a imagem que apenas criamos em nossa cabecinha”.

Depois dessa roda de conversa, foi dado um tempo para que os alunos trocassem os livrinhos com o coleguinha ao lado e, por meio das imagens, contassem a ele qual era a história que seu livrinho trazia. A partir daí, durante toda a semana, os alunos tinham o tempo de quarenta e cinco minutos para realizarem uma atividade proposta pela professora. Ora apenas a leitura dos livros, ora a leitura mesclada com o desenvolvimento da oralidade, a qual descreveremos a seguir.

Após as aulas iniciais sobre os livros, a professora pediu que cada aluno pegasse o livro que foi lido na semana anterior. Alguns não se lembravam, mas foi anotada pela professora uma ficha com o nome do aluno e o livro escolhido por ele. Sendo assim, agora cada um faria uma releitura de seu livro, contando, da forma que desejasse, porém sem ler. Seria uma contação de histórias, na qual eles poderiam inventar, recriar as falas e alterar o final do conto.

Dessa forma, foram feitos alguns combinados com a turma sobre a postura de quem contaria a história, a postura dos ouvintes, o tom da fala, a diversificação dos sons produzidos nela e os gestos

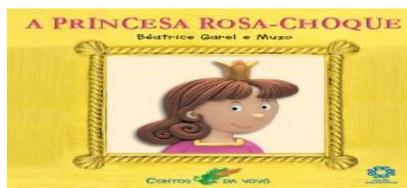


que poderiam ser feitos para enfatizá-la. Antes de pedir ao primeiro aluno para realizar a tarefa, a professora contou para eles a história da Rosa Vermelha e a Rosa³ Branca com algumas adaptações.

Após contar e dramatizar a história, ela deu liberdade para que cada aluno que desejasse contar a sua história a contasse para todos os colegas. Embora tivessem pouco preparo para essa atividade, todas as crianças se dispuseram a entrar no desafio e contar aos colegas publicamente. As histórias contadas por eles eram de forma rápida, claro, pois não tinham ainda subsídios, naquele momento, para contá-las com detalhes. Mas todos conseguiram participar adequadamente ao que foi proposto pela professora.

Ao terminar a aula, a professora disse aos alunos que na próxima semana ela narraria a história da Princesa Rosa-Choque e que quem desejasse, poderia participar como ator/a na dramatização. Chegando neste dia, foi contada a história inicialmente por meio do livro literário, sem ser contado o final.

Figura 7- Livro “A Princesa Rosa Choque”.



Fonte: imagem retirada do site www.googleimagens.com.br

Após contar por meio do livro, a professora entregou a cada um o livro literário e deu um tempo de vinte minutos para realizarem a leitura e descobrirem se, no final, a Princesa aceitaria ou não beijar e casar-se com o sapo. Após realizarem a leitura e descobrirem o final da história, a professora passou novamente a história com eles, agora por meio da leitura de imagens. Em seguida disse aos alunos que agora eles representariam a história contada. Desta forma, elegeu alguns como atores.

No dia da apresentação, foi necessário repetir a história dramatizada por duas vezes, pois todos quiseram participar, como pode ser visto na imagem a seguir:

Figura 8- Alunos do 1º ano dramatizando a história Princesa Rosa Choque

³Disponível em: <http://www.grimmstories.com/pt/grimm_contos/branca_de_neve_e_rosa_vermelha>
Acesso em: 04/10/2016 às 15:55.





Fonte: acervo da própria autora.

Depois de dramatizarem, foi pedido que todos se sentassem, formando uma rodinha e, nesse momento, foi discutida a importância de nos apresentarmos com clareza e coerência para sermos entendidos.

Além disso, foi refletido com eles também o comportamento de alguns que ficaram como plateia e não respeitaram as regras pré-estabelecidas como não conversar, não andar na hora da apresentação, não querer ridicularizar o colega que se apresentou, atuando como algum personagem “menos favorecido”, etc. Deste modo o “[...] respeito diante de colocações de outras pessoas, tanto no que se refere às ideias quanto ao modo de falar” (BRASIL, 1997, p.71) se põe como fator relevante de ser trabalhado antes e durante o processo de aprimoramento de alguns gêneros para que assim os alunos percebam que para adequar-se ao gênero é necessário ter uma determinada postura, que não é aquela observada durante a apresentação dos colegas, por parte de alguns. À vista disso os Parâmetros advogam que “o trabalho com linguagem oral deve acontecer no interior de atividades significativas: seminários, dramatização de textos teatrais [...] e de outros usos públicos da língua oral.” (BRASIL, 1997, p. 39).

Como forma de trazer a existência do trabalho com gêneros orais, ficou programado que em todas as semanas eles dramatizariam uma história e que poderiam trazer também de casa alguma história fictícia ou real para contar aos colegas. Esse tipo de atividade de ida e vinda em trazer algo também de casa pode favorecer na percepção do aluno em entender que os gêneros não circulam restritamente na sala de aula, mas na sociedade, em casa, nas ruas e na escola como um todo.

Além do início de trabalho com o desenvolvimento da oralidade por meio da literatura, a professora foi atenta aos ambientes de leitura. Dessa forma, em cada semana os alunos liam em uma parte da escola onde mais gostavam de ficar. E a professora escolhia, juntamente com eles, entre apresentar a peça no local onde havia sido lida a história ou voltar para a sala de aula para dramatizá-la. A escolha era feita por meio de votação. Assim, o ambiente foi impulsionador, tanto

⁴A imagem foi modificada com efeitos artísticos para preservar a identidade dos alunos. Contudo ela está intacta na demonstração do que foi realizado.



para a saída da sala de aula, quanto para a leitura dos textos de forma agradável, como pode ser observado nas imagens a seguir.

Além das escolhas dos livros, a opção pelo ambiente deve ser feita de forma atenta a proporcionar aos alunos um momento de aprendizagem junto ao prazer de estarem fazendo a atividade proposta. Sendo assim, o professor deve observar os lugares onde os alunos apresentam mais prazer em estar, considerando que ele pode ser um disparador no processo da leitura.

Os lugares de leitura foram sendo alternados em cada semana na sala de aula, no parque da escola, na quadra, na biblioteca, no anfiteatro e na arquibancada ao ar livre. Os alunos demonstravam ter mais interesse no anfiteatro, parque e em áreas abertas. O ambiente externo, por ser capaz de seduzir a criança para fora da sala de aula, traz um novo olhar sobre a literatura. Ela começa a perceber que a leitura não está vinculada ao ambiente, mas ao próprio interesse. Podemos levar a literatura para casa, para as ruas, por onde for. Ela não está limitada aos muros da escola e muito menos a uma sala de aula. O mesmo acontece com a construção do processo de imaginação na infância mediado por livros literários. Não é necessário estar na sala de aula para que a imaginação ocorra. Dentro ou fora dela, esse processo acontece por estar no sujeito e é uma longa construção.

Avaliação dos resultados

Percebemos, claramente, alguns pontos que se tornaram satisfatórios ao final dessa experiência:

- Os alunos mais tímidos puderam ter a oportunidade de se expressarem e a partir desse momento traziam suas falas e pensamentos com mais clareza e organização;
- As histórias literárias, por escrito, criadas pelos alunos, ganharam um peso maior, uma vez que, agora, estavam muito mais ricas, preenchidas por um imaginário em que podiam responder aos muitos *por quês* que ainda não dão conta de responder. Dessa forma o ganho ocorreu tanto na escrita, quanto na fala.
- A rotina de leitura e dramatização favoreceu criando segurança e expectativa nos alunos. Assim, estavam sempre entusiasmados quando o assunto era leitura literária.
- Percebemos um avanço significativo no processo de alfabetização. A partir da literatura, o desenvolvimento dos alunos nessa área ocorreu mais concreto e significativo, uma vez que, para eles aquela experiência em ler e dramatizar era algo prazeroso.
- A leitura realizada em duplas possibilita que os alunos troquem experiências de leitura enriquecedoras e não estigmatiza o aluno em “desenvolvido” e “não desenvolvido”, em “fraco” ou “forte”. Ao contrário, proporciona crescimento mútuo onde todos saem ganhando.



- O aprendizado mediado por um livro, por um professor ou colega de turma serviu para aprimorar o conhecimento e mostrar ao próprio aluno que o conhecimento é construído pela interação com o outro e/ou com diferentes materiais didáticos.

Considerações finais

Chegamos ao fim desse relato, enfatizando, mais uma vez, que desenvolver a oralidade não é um trabalho fácil, assim como o da escrita também não é. Porém, hoje, a partir de várias discussões e relatos de educadores envolvidos nessa temática podemos compreender que é possível sim desenvolver práticas significativas com os alunos tornando-os indivíduos competentes falantes nas mais diversas esferas da sociedade.

Referências

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais: língua portuguesa / Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília. 1997 :144p.

JUIZ DE FORA. Secretaria de Educação. Proposta Curricular de Língua Portuguesa. Juiz de Fora (MG), 2012. Disponível em: <http://www.pjf.mg.gov.br/secretarias/se/curriculo.php> Acesso em 07/07/2017 22:35.

TEIXEIRA, Josina Augusta Tavares. **Eles fala, noiscala**: como a escola tem enfrentado o desafio de ensinar a norma culta a seus alunos. Juiz de Fora: UFJF, 2014. 210p.

VYGOTSKY, Lev S. **A formação social da mente**. São Paulo,SP: Editora Martins Fontes, 1984.

